

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

JULIANA PATRÍCIA CAMPELO BRAMATTI

# **Percepção, Alucinação e Perspectivas**

**Um jogo de luzes e sombras**

BRASÍLIA-DF

2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

JULIANA PATRÍCIA CAMPELO BRAMATTI

# **Percepção, Alucinação e Perspectivas**

## **Um jogo de luzes e sombras**

Monografia apresentada  
como requisito parcial  
para a obtenção do título  
de licenciatura e bacharel  
em Filosofia. Orientação:  
Prof. Dr. Hilan Nissior  
Bensusan.

BRASÍLIA-DF

2015

*“O que é o real ante o irrealizado?  
Uma queda profunda, uma ruína esparsa,  
Uma sobra rejeitada da mesa divina,  
Um destroço, que tombando de tão alto, se quebrou!”.*

*Gabriel Tarde, Les Possibles*

## DEDICATÓRIA

“À Deus, a maior de todas as instanciações, à sincronicidade de todos os fatos. À família do arco-íris e a sua filosofia de amar e respeitar o próximo que apenas pode ser vivida, à todas as filosofias excluídas da tradição filosófica ocidental, à todos os deuses negros, todos os deuses hindus e toda forma de se direcionar para uma instância superior, à todas as mães, matrioskas que tecem a teia da vida. Minha família (mãe, avós, irmãs, madrasta, sogra, tias e primas, mulheres da minha vida).”

## Agradecimentos

À Deus, infinitamente por sua infinitude que se desdobra em amor e mais amor.

Todas as mulheres e ou mães do mundo. À minha mãezinha Ariadne Bezerra Campelo e minhas avós Maria Campelo de Araújo Bezerra e Clara Rulka Bramatti, minha sogra Marília, todas as minhas tias e primas que são muitas e por isso não irei me estender mais e também às minhas lindas irmãs, Ivana Maria, Ana Clara e Talita. AMO TODAS VOCÊS.

À todos os estudantes do curso de filosofia na UnB e também todos os professores com quem pude conversar sobre o meu trabalho, em especial Priscila Rufinoni, Ana Mirian Wuensch e Hilan Bensusan, é claro.

E também aos homens da minha vida, meu pai Alci César Bramatti, ao meu grande amigo e orientador e também ao meu amado companheiro com quem dividi estes cinco anos de graduação, todas as experiências e pensamentos deste trabalho e também com quem quero dividir toda a minha vida, Luís Felipe da Costa Leda. Gratidão <3”.

## Resumo

O presente trabalho investiga a diferença entre a chamada percepção e a chamada alucinação. Ele diagnostica que a diferença está associada à ideia mesma de lucidez que não pode ser utilizada sem uma consideração de sua história, de sua construção e dos mecanismos que fazem com que ela seja mantida – em uma palavra, sem a consideração de sua *farmacopolítica*. Após considerar a ideia mesma de ideogenia a partir de experiências consideradas alucinogênicas, o trabalho parte da crítica a uma resposta ao terceiro modo de Enesidemo segundo a qual há apenas um estado de espírito que é digno de ser considerado capaz de perceber as coisas como elas são. Uma tal resposta – que permitiria que a percepção dependesse da resposta do sujeito que percebe – é tomada como insuficiente e uma alternativa é articulada. De acordo com esta alternativa, há multiplicidades na percepção não porque ela é relativa, mas antes porque ela é capaz de perceber a relatividade. A lucidez é então entendida de um ponto de vista de um jogo de luzes e sombras e, assim, o barroco, no estudo de Deleuze sobre Leibniz é invocado. A noção de *ontodelia* – em oposição à *psicodelia* – é introduzida e utilizada para considerar as múltiplas dobras que distinguem o perceptível e o imperceptível sob diversas luzes e sombras.

**Palavras-chave:** *Ontodelia, Ideogenia, Farmacopolítica da manutenção da funcionalidade, Psicodelia, Lucidez, Percepção, Cubismo Epistemológico.*

## ABSTRACT

This work focuses on the very difference between the so-called perception and the so-called hallucination. It finds the difference in the idea of lucidity that cannot be used without a thorough consideration of its history, its construction and the mechanisms that maintain it – in one word, without considering its *farmaco-politics*. After an analysis of some experiences considered as hallucinogenic I concentrate on a criticism of a response to the third mode of Aenesidemus according to which there is only one state of mind capable of perceiving things as they are. Such response – which makes appropriate perception dependent on the perceiving subject – is taken as wanting and an alternative is presented. According to this alternative, there are multiplicities in perception not because it is relative but rather because it is capable of perceiving relativity. Lucidity is therefore understood from the point of view of a set of lights and shades and therefore the baroque, in the form of Deleuze's study of Leibniz, is brought in. The notion of the *ontodelic* – as opposed to the *psychedelic* – is introduced and used to consider the multiple folds that distinguish the perceptible and the imperceptible under different lights and shades.

**Palavras-chave:** *Ontodelic, Ideogenic, farmaco-politics, Psychedelia, Lucidity, Perception, Epistemology Cubism.*

# SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>09.</b>
 <b>Capítulo 1- IDEOGENIA (GÊNESE DE IDEIAS)</b>	
A Psicodelia e a história do Homem.....	13.
Mitologias sobre rituais e iniciações. A busca do contato com os Deuses e o transe....	16.
A era da Psicodelia. Revolução na ciência, no pensamento e nas artes. Primeiro movimento na cultura industrial, urbana e de mídia.....	19.
O Xamanismo e as plantas de poder (enteogênicos). O entendimento do transe como revelação.....	23.
 <b>Capítulo 2- ONTODELIA</b>	
Qual é a posição de privilégio?.....	26.
Delos...Um delírio da mente ou um delírio do mundo?.....	27.
Imagens de pinturas do barroco, onde o jogo de luzes e sombras é evidenciado.....	32
A dobra, as extensões e os acontecimentos.....	35.
Imagens das esculturas do barroco, onde as dobras são delineadas.....	42
.	
<b>Referências.....</b>	<b>45.</b>

## INTRODUÇÃO

No presente trabalho, será exposta uma discussão acerca das percepções ditas lúcidas e as não-lúcidas ou alucinatórias. O que distingue a percepção da alucinação – e elas tem sido entendidas como *cognitivamente* distintas, ainda que o *processo por meio do qual elas operam* é semelhante – é que a primeira evoca a lucidez. Trata-se de uma luz: a luz que a percepção (lúcida) tem e a alucinação não. O trabalho pretende propor uma investigação desta luz – de sua construção, de sua política, de sua história e, portanto, dos múltiplos agentes que sustentam que ela se mantenha do modo como ela se mantém. Interesse-me pelo que faz com que o lúcido tenha esta luz, e se trata como veremos, de uma questão acerca do que esta luz permite que se manifeste. Para investigar a lucidez, me demoro nas experiências *alucinogênicas*, naquelas que retiram a luz e, por contraste, fazem com que se entenda a percepção. Que imagem, eu me pergunto, surgiria da cognição pelos sentidos se exorcizássemos a distinção entre percepção e alucinação – e, assim, dissolvêssemos o papel comumente atribuído à lucidez?

O texto começa num viés histórico e antropológico, no intuito de coletar dados acerca da psicodelia e a história do ser humano, relatando primeiramente, sobre a psicodelia ou sobre o contato do humano com a alteração e relatando também acerca dos psicodélicos ou psicoativos capazes de alterarem o funcionamento do sistema nervoso central. Daí, teremos ferramentas para repensarmos a noção de psicodelia e até onde estas substâncias foram recriminadas ou aceitas na sociedade e por que. Afinal, haveria alguma diferença crucial entre elas ou é apenas uma questão de onde colocar a lâmparina? Tal história das percepções alteradas mostra-se como uma tentativa de se entender a *lucifilia* ou a delineação constante da lucidez, se afinal de contas a humanidade sempre esteve em contato com substâncias e assim, com a alteração, como e porque seria a lucidez entendida como um estado não alterado da percepção?

No primeiro capítulo, ainda apresento um pouco sobre algumas mitologias e dados pré-históricos acerca das possíveis iniciações e rituais com substâncias enteogênicas, muitas vezes na busca do contato com o sagrado ou com o desconhecido.

Então abordo um pouco a respeito de como algumas substâncias foram descobertas no meio científico e inseridas num contexto social e *farmacopolítico* na conhecida “era da psicodelia”, observando a revolução que tal movimento foi capaz de levantar no século XX, tanto nas artes, quanto na cultura, como na ciência e em muitas outras áreas do conhecimento e como, algumas destas substâncias foram aceitas e outras recriminadas, apenas por uma questão de consenso, de política ou de poder econômico. De fato, o primeiro movimento psicodélico na cultura industrial, urbana e de mídia, teve os seus problemas e banalizações como foi, por exemplo, o escândalo e a proibição do LSD e com isso, a incrível publicação do livro de um dos precursores da era da psicodelia criticando sobre o modo banal em que muitos jovens estavam por adentrarem nos mistérios deste desconhecido. Em *LSD, My problem Child*, Albert Hofmann, trás à tona a história de magia e de xamanismo por detrás da busca pela expansão e alteração dos estados da consciência desde os primórdios da humanidade, tal livro será usado como base para contar a história do LSD e de muitas outras substâncias, como o cogumelo e a mescalina, que passaram a serem estudadas cada vez mais após este movimento nas ciências precedido pelos estudos sobre a cravagem do centeio. Por isso então, finalizo o primeiro capítulo recordando o contato do xamanismo com tais plantas de poder, apresentando um entendimento diferente e sagrado acerca do transe e que, no entanto, é muitas vezes entendido como revelador de uma força sobrenatural e/ou divina. A partir desta discussão, o trabalho propõe construir uma metodologia *ontodélica*<sup>1</sup> analisando a história e relevância de algumas substâncias e plantas que, desde as sociedades nômades e tribais, têm participado dos estados de alteração das percepções sobre a realidade. Com esta especulação acerca destas alterações, introduzo a discussão sobre luz e sombra na alusão à lucidez e alucinação.

A partir daí entraremos no segundo capítulo, desta vez, num viés etimológico e linguístico que apontará para uma discussão filosófica de cunho político (acerca da articulação do que é lúcido) e estético sobre a visibilidade, ou melhor dizendo, sobre sombra e luz. A ideia de lucidez é posta em cheque e a busca pela alteração dos estados

---

<sup>1</sup> Tal termo surgiu em meio a conversas entre mim, Hilan Bensusan e Lucas Caeté.

da consciência ou dos modos da percepção<sup>2</sup> é também repensada na tentativa de entendermos o ato “alteracional”. Começo a discussão introduzindo uma importante observação acerca da percepção e dos sentidos proposta por Enesidemo (Sextus Empíricus 2000) em seus 10 modos, tais modos foram, no entanto, argumentos usados no intuito de criticar e observar a incapacidade dos próprios sentidos abarcarem toda a realidade, por haver algumas incoerências capazes de alterarem a percepção do mundo e, dessa forma, não seria possível julgar uma visão privilegiada a respeito do real. Diante disso, a suspensão do juízo seria uma boa saída para escapar dos dogmatismos, segundo Enesidemo e muitos outros céticos. A percepção do mundo em Enesidemo é afetada pelos próprios sentidos, como também pelos diferentes pontos de vista que tanto o sujeito quanto o objeto podem ter, sendo assim, segundo esta abordagem a realidade seria relativa a cada ser<sup>3</sup>.

Então se os sentidos encontram dificuldades e se alteram dependendo do ponto de vista do sujeito, haveria também diferentes pontos de vista com relação ao objeto. Ora, se por conta disso, nenhuma posição sobre a realidade pode ser privilegiada em detrimento da outra, então, com efeito, não é correto apontar que existe apenas uma única ideia acerca do real e sobre o que é entendido por lucidez. Portanto a *lucifilia*, esta necessidade em contornar o que é lúcido e o que não é, é, no entanto, uma incessante busca e que se finda num fechamento do mundo e do que pode ser pensado, conhecido ou manifestado.

O tema é, portanto, luz e sombra. A luz mesma que faz a lucidez e a ausência dela. A sombra que contrasta com a luz. A imagem da cognição pelos sentidos que surge se exorcizarmos a distinção entre percepção e alucinação é, em certo sentido, barroca. No trajeto desta investigação, portanto, optei por fazer um uso, talvez a contrapelo, de um livro de Deleuze sobre Leibniz e o barroco: *A dobra*. Ali, Deleuze apresenta uma imagem das mônadas de Leibniz em termos de dobras, escuridões e pontos de luz – e, em contraste, evoca a filosofia do processo de Whitehead que aparece como uma contra-

---

2 Aqui uso ambas as expressões para evidenciar que existem muitos estados da consciência e muitos modos da percepção, ou seja, que não há um ponto morto.

3 Seria diferente se disséssemos que a verdade é relativa, o que há aqui é uma observação que diz apenas que a relatividade, de fato existe.

parte da monadologia de Leibniz que ao mesmo tempo a inverte e a intensifica. É com uma citação deste texto que eu prossigo nesta discussão:

As singularidades próprias de cada mônada prolongam-se em todos os sentidos até as singularidades das outras. Portanto cada mônada expressa o mundo inteiro, mas obscuramente, confusamente, pois ela é finita, ao passo que o mundo é infinito. Eis porque o fundo da mônada é tão sombrio. Como o mundo não existe fora das mônadas que o expressam, está ele incluído em cada uma sobre forma de percepções ou de “representantes”, elementos atuais infinitamente pequenos<sup>4</sup>. Ou seja, não existindo o mundo fora das mônadas, trata-se de pequenas percepções sem objeto, de micropercepções alucinatórias. O mundo só existe em seus representantes tais como estão incluídos em cada mônada. (Deleuze, a Dobra, pág 117.)

Aqui observamos que as singularidades das mônada abrangendo apenas uma perspectiva tornam-se caóticas e aparecem como micropercepções alucinatórias, é portanto, obscura por buscar apreender apenas uma zona parcial, sendo assim, propomos no debate acerca da psicodelia (que como veremos em sua etimologia, trata-se de uma manifestação do indivíduo, que se dá no campo da percepção individual), substituímos o termo para ontodelia no intuito de apreendermos mais zonas ou perspectivas acerca da realidade.

Enfim, tratamos das extensões ou aquilo que faz com que os acontecimentos se deem de uma forma *multiperspectivada*. O resultado da investigação de Deleuze em *A dobra* sobre Leibniz e Whitehead se dá em termos de uma metafísica dos acontecimentos, onde as singularidades das mônadas se estendem umas sobre as outras tornando possível a abrangência de vários fatores e perspectivas para a combinação destes até o infinito. As dobras se desdobram estendendo suas perspectivas (caóticas e sombrias) às outras perspectivas, sempre tornando mais clara a imagem do real. Aqui jaz o jogo entre luzes e sombras, onde as inflexões ou singularidades tornam-se obscurecidas quando a luz é jogada num esquema mais geral de percepções, onde há inclusões. Da mesma forma as inclusões se obscurecem quando a luz é jogada para a perspectiva singular, a questão é que a luzes e as sombras dependem de onde elas próprias são colocadas, são apenas construções acerca do real e construções que estão sempre ganhando e perdendo partes levadas pelos movimentos.

---

<sup>4</sup> Monadologie: 63: “Estando o universo regulado numa ordem perfeita é preciso que haja também uma ordem no representante, isto é, nas percepções da alma”.

## 1- IDEOGENIA

### *A Psicodelia e a história do Homem*

Ao longo do processo de evolução da humanidade, o ser humano sempre teve contatos com plantas de poder e isso foi de total importância para as concepções sobre saúde, religiosidade e expansão da consciência que temos hoje. Desde tempos imemoriais o homem tem mostrado um certo interesse pela modificação ou expansão da própria mente e da realidade à sua volta, temos registros pré-históricos de pinturas rupestres em cavernas apontando o uso destas substâncias ou mesmo de sua contemplação que hoje, sabemos, têm a capacidade de alterar o funcionamento do sistema nervoso central e do metabolismo em geral. No entanto, não sabemos se desde o princípio os povos já usavam determinadas substâncias ou as cultuavam no intuito de realmente alterar sua percepção e consciência, ou se, acidentalmente, em busca de alimento ou tratamento para os enfermos, houve este encontro entre o homem e a “*inebriação*”.

Contudo temos muitos estudos que aproximam esse encontro (ou descoberta) de uma espécie de busca ou necessidade, ora do desconhecido, ora do contato com uma realidade externa, “sobrenatural” ou divina. Outros estudos de determinados povos sobre determinadas substâncias tentam trazer a explicação para o uso e contemplação através de mitos que narram sobre revelações ou recebimentos advindos de dentro da própria “viagem”<sup>5</sup>.

Antes de mais nada, precisamos deixar claro, que o que aqui queremos chamar de substâncias “psicodélicas”, são estas substâncias que têm a capacidade de gerarem um efeito de alteração no cérebro, sendo sentidas pelo corpo e pelos processos mentais em geral, não são necessariamente drogas de adicção e que provocam um consumo compulsivo ou crises de abstinência. As que aqui pretendemos no referir, neste

---

<sup>5</sup> Como é o caso da história da HOASKA, na União do Vegetal.

primeiro capítulo, se adaptam muito bem a fisiologia humana<sup>6</sup>, normalmente, estamos falando de substâncias naturais que advêm de plantas ou fungos, antes mesmo de suas extrações, embora aqui venhamos a relatar sobre a história do homem e os derivados destas plantas. Em seguida, no próximo capítulo, levarei a discussão mais adiante, perguntando acerca do que são estas alterações e daí será recordado que tudo, todos os compostos que têm sido inalados, comidos, bebidos (agrotóxicos, hormônios, remédios...) e de uma forma geral, têm sido usados pela humanidade, também são compostos de alteração.

Sobre a humanidade e o encontro com os “cogumelos mágicos”, recentemente pesquisadores encontraram suspeitas de que muitos dos desenhos encontrados em algumas cavernas pudessem ter sido feitos durante o processo de experimentação dos cogumelos “psicodélicos”. Há registros históricos de pinturas em cavernas de todo o mundo, retratando o uso ou a contemplação destes cogumelos. No deserto do Saara, por exemplo, em Tassili, na Argélia há pinturas que são datadas de 7.000 a 9.000 anos A.c, ou seja, muito antes da história escrita. Ali, as cenas representavam o momento da “colheita mágica”, cenas que apontam para uma espécie de oferenda para deuses mascarados e cobertos de cogumelos, o que sugere uma espécie de cerimônia ritualística com tais elementos, talvez, de caráter místico e religioso. Podemos pensar também nas pinturas encontradas na Sibéria, dentro do círculo Ártico, próximo ao rio conhecido como Pegtymel ou mesmo, nos registros da Península de Kamchatka, nas margens do lago Ushokovo, assim como na Tripolitânia (Libia), inclusive em Ennedi (Chad) e também no Egito em Jebel Uweinat<sup>7</sup>.

---

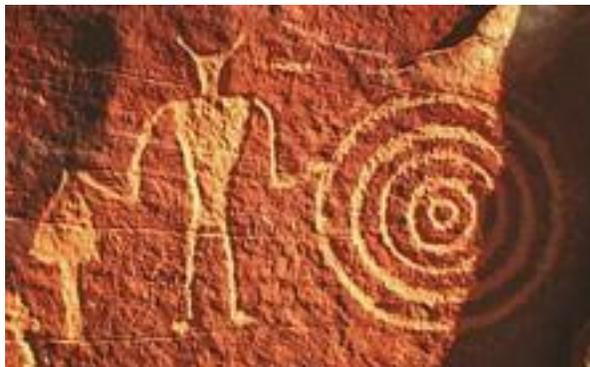
6 (NICHOLS, 2010; QUIRCE *et al.*, 2010).

7 In: <https://cogumelomagicos.org/comunidade/threads/as-mais-antigas-representa%C3%A7%C3%B5es-de-cogumelos-ente%C3%B3genos.6543/>. Acessado em 17 de junho de 2015.



*Pinturas rupestres datadas de 7000 a 9000 anos a.c. Encontradas no Deserto do Saara, em Tassili, na Argélia.*

Mais recentemente, em 2011, pinturas rupestres datadas de mais ou menos 6.000 anos atrás na caverna de Selva Pascuala, que fica localizada na Espanha, revelaram o contato destes hominídeos com os cogumelos “psicodélicos”. Nessas pinturas aparecem imagens de touros e cogumelos retratando sua relação intrínseca. Na Guatemala também há indícios antigos do uso destes “alucinógenos”, onde pedras com o formato de cogumelos foram encontradas, tais pedras são datadas de mais de 3.000 anos atrás.



*Pinturas encontradas próximo à cidade de Villar del Humo, na Espanha, como dito acima, em Selva Pascuala (ou Selva Mural Pascuala).*



*Imagem de uma das estátuas da cultura Maia em forma de cogumelo. Encontrada por Carl Sapper em El Salvador em 1898. Na Suíça há mais de 400 pedras pré-colombianas na mesma temática dos cogumelos, muitas foram encontradas na Guatemala, em Honduras, El Salvador e México. Estão guardadas no museu Rietberg Zurique<sup>8</sup>.*

## **Mitologias sobre rituais e iniciações. A busca do contato com os Deuses e o transe.**

Há registros egípcios de mais de 4.600 anos atrás, em hieróglifos sobre o consumo ou contemplação dos cogumelos nas práticas culturais e religiosas desta civilização. Muitos faraós, por exemplo, entendiam tal substância como um alimento real e que permitia a proximidade com a imortalidade. Os romanos também, ao que tudo indica, viam tais cogumelos como “alimentos para os Deuses” e os gregos, também pareciam ter uma relação bem íntima com os cogumelos e outras substâncias, como a cravagem<sup>9</sup> que pareciam serem usados nos famosos e secretos rituais de iniciação nos mistérios de Elêusis. Também o desejo de inebriação não é nada incomum aos gregos quando pensamos nos ritos Dionisíacos e a *cultuação* à bebida como portal de encontro ou mesmo de oferta aos deuses. Outros povos como os germânicos, em sua mitologia nórdica, contavam sobre os guerreiros Berserkers, que usavam um estimulante extraído de um fungo, talvez, os cogumelos “mágicos”.

Nas mitologias, é muito comum encontrarmos os estados de transe em rituais sagrados, tais rituais podiam ter diversas finalidades, uma delas poderia ser a

---

<sup>8</sup> In: <http://magicmushroombrazil.webnode.com/historia-dos-cogumelos/>. Acessado em 16 de julho de 2015 às 16:37.

<sup>9</sup> A cravagem é um fungo que infecta alguns cereais como é o caso do centeio. Ela produz alcaloides capazes de causarem o ergotismo em muitos animais, como nos humanos. A partir dos estudos aprofundados deste fungo foi possível a descoberta do LSD no século xx.

comunicação através da dança, dos gestos, do ritmo e dos símbolos, ou a busca de um contato sobrenatural ou divino, já outros fins remetem à adoração e contemplação de determinados deuses e à entrega de suas oferendas. Os rituais são de muita importância para todos os povos que os praticam e até hoje, temos rituais expressos no cotidiano das civilizações contemporâneas. Então, ao observarmos a importância de tais rituais, mitos e mesmo as pinturas rupestres que abordam o assunto de diferentes maneiras, perspectivas e também de diferentes lugares do mundo, com diferentes crenças e de diversos momentos da história, podemos perceber que o uso de determinadas substâncias “enteogênicas” sempre fizeram parte das práticas culturais, sociais e até religiosas da humanidade.

Aqui na América, também temos exemplos antigos do uso de substâncias psicodélicas, como o enema de tabacco, feito pelos Maias, onde ao que tudo indica era soprado tabacco para dentro do corpo da pessoa, através do ânus. Temos também entre os Maias e alguns povos indígenas mexicanos a colheita mágica dos “cogumelos sagrados”. O contato com os Cactos também pode ser citado nesta lista como substâncias que eram amplamente usadas em cerimônias religiosas e Xamânicas, como o Peyote (*Lophophora Williamsii*), comumente encontrado nos altiplanos do México e também em alguns lugares dos Estados Unidos, parece que os primeiros povos a usarem este cacto foram as tribos Huichole e Tarahumara, que pareciam entender o cacto como uma espécie de Deus sagrado, dando a ele o nome de “Jículi”, como também é conhecido. Há também, entre os cactos com a presença do alcalóide Mescalina, (composto responsável pelos efeitos psicoativos de tais substâncias), o cacto São Pedro (*Trichocereus pachanoi & peruvianus*) usado também por muitos indígenas nas Américas, como índios do Peru, da Venezuela e também pelos Yanomames do Brasil. Há registros de cactos datados de aproximadamente 7.000 anos atrás, como foi o caso de um pedaço de Peyote encontrado no Texas<sup>10</sup>.

Há também, especialmente na América do Sul e no Brasil, o uso da Ayahuasca (o nome vem da língua Quichua de origem inca e significa “cipó das almas”), por tribos indígenas, e, hoje, por religiões com diferentes linhas de expressão. Tal bebida é considerada um “chá sagrado” e feita da combinação de dois elementos do reino

---

10 <http://www.geocities.ws/tiagohi/peyot.html> (informações sobre as tribos, acessado em 17 de junho de 2015, às 18:29).

vegetal, o cipó *Banisteriopsis Caapi*, (conhecido muitas vezes como Mariri ou Jagube, que contém o componente ativo IMAO, ou os inibidores da monoamina oxidase) e as folhas do arbusto *Psychotria viridis* (comumente conhecido como a chacrona ou rainha e que tem como substância ativa a dimetiltriptamina, ou DMT), usado especialmente como medicina da floresta pelos Xamãs e como busca do contato com o sagrado. Não nos esqueçamos do uso da coca mascada que era comumente usada por tribos na América do Sul, principalmente para estimular os atletas e caçadores e amenizar a fome durante as longas jornadas de trabalho, depois do contato mais direto com a planta, os nativos passaram a usá-la com um caráter divino e transcendental. As folhas eram ofertadas aos deuses, mascadas pelos sacerdotes e também colocadas na boca dos mortos para ajudá-les na sua jornada para o além. Um descendente dos incas conta que, a coca era um artefato usado apenas pelos mais nobres, porém na época da conquista espanhola, ela tornou-se acessível à todos, (até chegar na Europa)<sup>11</sup>

Na África, dentre as muitas plantas de poder, usa-se (e consagra-se) também a Iboga, raiz de um arbusto, da família Apocynaceae, de origem *Tabernanthe iboga*, (encontrada na região de Camarões, Angola, Guiné Equatorial, Congo, República Democrática do Congo, em Gabão e na República Central Africana<sup>12</sup>), cujo princípio ativo se chama ibogaína, é uma substância enteogênica capaz de anular a ação de diversos alcalóides ou compostos orgânicos nitrogenados de intensa bioatividade sobre o cérebro, (cocaína, heroína e morfina). Entre os povos do Congo, do Gabão, os pigmeus e os bantos, é possível observarmos a assimilação desta prática pelo contato com os mistérios das florestas e das selvas. Os rituais são muito frequentes entre as tribos Apindji e Mitsogho, da religião Bouiti<sup>13</sup>. Ao que tudo indica, os Pigmeus podem ter passado os seus ensinamentos para os Apindji, que podem tê-los transmitido aos Mitsogho (povos que se localizam ao sul do Gabão). Hoje em dia, há nove ramos conhecidos da religião

---

11 <http://pauloqueiroz.net/sobre-a-coca-texto-de-freud/> acessado em 17 de junho de 2015, às 18:31. Paulo Souza Queiroz.

12 <http://www.xamanismo.com.br/Poder/SubPoder1189634475It020>. (Beatriz Labate, acessado em 17 e junho de 2015, às 18:37).

13 LABATE, B. C.; GOULART, S.; (2005).

Bouiti, mas há também outras tribos que praticam rituais com a Iboga, como é o caso da *Abri*, um grupo de mulheres que têm como objetivo o tratamento dos enfermos<sup>14</sup>.

Talvez plantas e fungos tenham originado muitos destes ritos, que fundamentaram o desenvolvimento das primeiras noções de religião e de cultos espirituais. Também é possível encontrarmos muitos dos estudos de antropólogos e de neurocientistas<sup>15</sup> que narram a possível relação entre estes rituais *religiosos-espirituais-místicos* e a busca pela modificação dos estados da consciência. Estes ritos podem ser considerados como condições inseparáveis de nossa cultura humana, todas estas histórias nos mostram que o homem sempre buscou e busca até hoje formas de se conectar com um entendimento mais amplo do mundo por meio desses estados alterados, dando assim, inspiração para muitas *metafísicas*<sup>16</sup> e base para diferentes crenças religiosas.

## **A era da Psicodelia. Revolução na ciência, no pensamento e nas artes.**

### **Primeiro movimento na cultura industrial, urbana e de mídia.**

Desde sempre, o ser humano usa a natureza como ferramenta para quase todos os seus processos, inclusive em busca de cura para os males. Hoje, sabemos, os avanços da medicina só foram possíveis graças ao contato do homem com determinadas “plantas de poder”, como é o caso da Papoula, uma planta da família *Papaveraceae*, cuja espécie mais famosa é a *Papaver somniferum*, mundialmente conhecida por Papoula dormideira, popular há mais de 5.000 anos nas civilizações antigas, esta flor é conhecida há muito tempo pela humanidade e vem sido usada para fins medicinais até hoje em dia. Há muito tempo, na Mesopotâmia, há indícios de um chá que era feito com a flor e no intuito de aliviar problemas intestinais e tratar a falta de sono por ser a “flor dormideira”, também outros povos como os romanos, os babilônicos, os assírios, os chineses e logo

---

14 <http://www.xamanismo.com.br/Poder/SubPoder1189634475If020>.(Beatriz Labate, acessado em 17 de junho de 2015, às 18:37).

15 WINKELMAN e BAKER (2008), MCNAMARA (2009), OTT (1996), NICHOLS e CHEMEL (2006) e RÄTSCH (2005).

16 Neste sentido, a Metafísica entendida como as narrações de características ontológicas presentes nos diferentes mitos.

depois, toda a Europa, passaram a ter contato com as substâncias retiradas desta flor. Na Grécia antiga, por exemplo, a flor era relacionada à Hipnos, o deus do sono e pai de Morpheu, os apetrechos usados por este deus em suas representações normalmente são um chifre contendo ópio (látex extraído dos frutos imaturos da papoula), as flores da papoula e um ramo que escorre água do rio Lete, (conhecido como rio do esquecimento, onde nas margens nasciam flores que faziam os homens dormirem, provavelmente, a flores da papoula). O Ópio<sup>17</sup>, extraído da papoula, sempre foi uma substância de grande interesse pelos povos de diferentes regiões, na *Ilíada*, um dos registros históricos mais antigos da civilização ocidental, Homero narra que Helena oferecia aos amigos um suco “mágico” que auxiliava no sono e nas dores, provavelmente, o Ópio. Os sumérios conheciam a planta há muito tempo, nomeando-a de “a planta da alegria”. Os Árabes também passaram a ter o contato com esta planta no Egito, onde já era muito utilizada e vendia-a em outras regiões<sup>18</sup>.

Assim sendo, hoje sabemos que os avanços da medicina ocorreram graças à descoberta e manipulação de diversas plantas no decorrer da história das civilizações. No Egito antigo, por exemplo, foi encontrado no ano de 1873, um dos tratados médicos mais importantes para a descoberta de muitas ferramentas hoje utilizadas na medicina, o famoso Papiro de Ebers<sup>19</sup>. O documento receitava mais de 700 fórmulas de medicinas naturais para a cura de diferentes enfermos, muitos desses remédios continham substâncias psicoativas, como o ópio para anestesiá-las as dores e também falava do Líbano e da Mirra, que usados em sauna proporcionam um efeito “entorpecente”.

Por causa do ópio e os seus derivados, a humanidade pode enfim adentrar na era da “*psicodelia*” em massa, pois no século XIX, Inglaterra, Índia e China estavam fortemente ligadas ao transporte e ao consumo deste produto, um produto que despertava

---

17 O farmacêutico Friedrich Sertuner, foi quem isolou o principal alcaloide contido no ópio, tal alcaloide foi conhecido como morfina para referir-se a Morfeu. O acontecido foi em 1806.

18 Os principais alcalóides do ópio são: a morfina, a codeína, a tebaína, a papaverina, a narcotina e anarceína.

19 O alemão Georg Moritz Ebers, foi um egiptólogo e responsável pela descoberta do papiro. Hoje o papiro está em exibição na biblioteca da Universidade de Leipzig. (“Ebers papyrus.” *Encyclopædia Britannica*. Ultimate Reference Suite. Chicago: *Encyclopædia Britannica*, 2008).

enorme interesse entre os chineses que podiam adquiri-lo dos ingleses em troca de seda, porcelana e principalmente, chás, já os ingleses adquiriam o Ópio dos indianos. Em 1839 o imperador chinês Daoguang ordenou um confisco geral nos portos chineses e extinguiu mais de 20 mil caixas de Ópio nos depósitos britânicos, assim a Inglaterra declara a primeira Guerra do Ópio à China, mais adiante, em 1856, ocorre à segunda guerra do Ópio, ambas com a derrota chinesa. Com o livre comércio do Ópio, as propagandas mirabolantes sobre os produtos farmacêuticos e nenhum estudo em longo prazo do uso destas substâncias, a humanidade adentra o século XX, com boa parte da Europa viciada em narcóticos como a morfina, a cocaína (que já estava sendo explorada desde as navegações e o encontro com as Américas) e a Heroína, entre outros, o que traria mais uma explicação para a grande depressão ocorrida nas primeiras décadas do século XX, que não se deu só no âmbito de uma crise financeira, mas de uma crise emocional, física e mental que principalmente europeus e norte-americanos vivenciaram. No entanto, a sociedade da época, já não usava mais destas substâncias em busca de um contato sobrenatural, divino ou transcendente, porém, o uso e abuso advinham do bombardeamento com propagandas absurdas e fantasiosas sobre tais medicamentos, a falta de conhecimento sobre a origem de tais elementos e suas mitologias, bem como a falta de informação sobre os povos que as cultivavam e as cultuavam, e, também, uma necessidade fisiológica de sanar suas próprias dores, logo em seguida, o ocidente europeu estaria usando tais substâncias por dependência física e neurológica.

Após as décadas de crise econômica, depressão e abstinência, a humanidade dá um novo salto na busca da expansão da consciência e do mundo ao redor: A descoberta do LSD. A dietilemina do ácido lisérgico é um composto que surge com as reações metabólicas do fungo *Claviceps purpúrea*, que cresce como um parasita no centeio. O fungo já era conhecido há muito tempo como a cravagem já o LSD foi descoberto (encontrado, sintetizado) no ano de 1939, porém os estudos da *Sandoz*<sup>20</sup> com a cravagem surgiram logo no ano da quebra da bolsa em 29, e se estenderam até 43, quando acidentalmente, Albert Hofmann experimentou uma pequena quantidade do ácido e percebeu o quanto tal substância carregava em si, propriedades importantíssimas, capazes de mudarem todo o percurso de uma geração.

---

20 Empresa responsável pelos estudos, fabricação e proibição do LSD.

A partir dos anos 50, o LSD, depois de muitos anos de estudo nos campos da medicina, chegou às ruas, nos grupos de artistas, nas universidades, nas festas e por toda parte e passou a ser usado como um inebriante, tanto para inspirações artísticas, como para terapias alternativas, e também, para fins recreativos. Mais tarde, isso faria com que o seu próprio autor, escrevesse um livro<sup>21</sup> relatando o quanto o LSD poderia ser um problema se não usado com segurança, acompanhamento e maturidade, neste enfoque, Roffman tenta apontar a importância que determinadas substâncias (como o cogumelo e a mescalina, bem como o LSD) poderiam ter, por serem poderosas ferramentas de “abertura de portais” se usadas com respeito. O LSD tomou o mundo e em mais de 20 anos de legalidade, muitos jovens, artistas, cientistas e pensadores da época, já haviam encontrado este “Universo Alternativo” e expandido os seus horizontes e perspectivas, agora com certeza, suas vidas e sua visão sobre o mundo já não seriam mais as mesmas, bem ao menos para muitos deles.

Esta primeira linha psicodélica assumida, até as perseguições e o fim da fabricação pela SANDOZ em 1965, fez com que o mundo desse mais uma guinada no rumo da expansão da consciência buscando apreender perspectivas mais abrangentes sobre o que existe, conhecendo diferentes modos da percepção. A experiência da jornada psicodélica poderia ser não um “algo criado”, mas um “algo recebido”, quando as imagens e entendimentos surgiam espontaneamente, quando padrões geométricos e matemáticos de toda a realidade circundante e da ciência se juntavam formando um todo de moléculas cristalinas, e principalmente, quando o ego se dissipava em meio aos novos horizontes e os entendimentos ocultos surgiam como revelações, como manifestações do próprio mundo.

---

21 HOFMANN, A. (1981);

## **O Xamanismo e as plantas de poder (enteogênicos). O entendimento do transe como revelação.**

O xamanismo se expressa de diferentes maneiras na história das civilizações, principalmente em relação ao fundamento de diversas crenças e mitologias advindas dos nossos ancestrais mais próximos da natureza. A relação intrínseca existente entre estas manifestações ritualísticas e o uso de substâncias enteogênicas (conhecidas, muitas vezes, pelos próprios indígenas como “plantas de poder” ou “medicina sagrada”), é, desde muito tempo, intimamente manifestada em suas cerimônias religiosas, suas obras de arte, seus trabalhos artesanais, linguagens e dialetos e toda a cultura xamânica em geral.

A sabedoria da sagrada Mãe-natureza, desde seus antepassados, já havia ensinando-lhes as grandiosas maravilhas provenientes das substâncias contidas em seu íntimo (nas florestas, nas montanhas, nos rios, no respeito e no amor à Mãe-terra). Tais substâncias com capacidades de cura que muitos cientistas levaram anos para pesquisarem e que, muitas delas, até hoje, se tornaram mistério e tabu, substâncias que jamais o homem seria capaz de descobrir todas as benesses, mas que, na intimidade com a natureza, ao Xamã é revelado o entendimento. Então na fé, com confiança plena, os guerreiros indígenas vivem suas jornadas espirituais, iniciações, ritos de passagens ou mesmo trabalhos de cura, tendo o maior envolvimento possível com o poder das plantas originais, mais próximas o possível, da natureza.

Trabalhos com o Rapé<sup>22</sup>, a Sananga<sup>23</sup>, o Kambô<sup>24</sup> e a Ayahuaska, são comuns entre tribos indígenas do Brasil e das Américas e muito utilizadas nos rituais de

---

22 Uma mistura com folhas e tabacco, que é soprada pelas narinas. Geralmente usado para descongestionar as vias nasais e também para um contato mais íntimo com o tabacco.

23 Colírio indígena, feito da própria Sananga que tem por objetivo combater doenças e bactérias, já que para os índios a medicina também é preventiva.

24 Kambô é o nome dado para uma substância que é retirada das secreções do sapo Kambô (*Phyllomedusa bicolor*) e através de pequenos furos na pele é inserida no intuito de limpar e dar mais imunidade ao corpo humano, de uma forma geral.

cura que buscam traços em comum com as técnicas indígenas, ou mesmo as religiões que seguem a linha vermelha do Xamanismo.

Um importante ponto desta questão é que o Xamanismo e suas práticas de cura (utilizando-se e objetos da natureza) mostram-se como condições necessárias e indispensáveis ao progresso e adaptação das sociedades tribais, nômades e agrícolas<sup>25</sup>. Há suspeitas de que a cultura Xamânica exista há mais de 50.000 anos<sup>26</sup>, ao que tudo indica, esta compreensão ancestral da medicina e da saúde e a relação com a natureza que estes povos nutriam, são traços de fundamental importância para o desenvolvimento de todas as culturas de diferentes regiões do mundo.

A relação do corpo com o sagrado e da natureza com o “homem natural”, refletiram-se na imprescindibilidade da busca pela cura e pelo contato com o Divino, fundamentando assim, diferentes mitos e religiões. É bastante aceitável e até racional pensar que o uso e as cerimônias com estas “plantas de poder” tenham estado presentes desde as pré-concepções religiosas, mesmo as que não advêm de uma origem diretamente Xamânica.

Algumas das funções do uso destes enteogênicos podem se referir, por exemplo, a necessidade da afirmação das crenças cosmológicas, também, a importância do sacrifício e do sacerdócio, bem como o contato com o sagrado. Também podemos observar a busca pelos tratamentos alternativos para os enfermos nos planos físico, mental e espiritual, ou mesmo, a necessidade de um contato mais íntimo com a “Mãe-terra” e tais medicinas. Schultes e Hoffman<sup>27</sup>, também suporiam que estes rituais com tais plantas, tinham também funções típicas, como os ritos iniciáticos, o contato com o mundo dos espíritos e os ancestrais, as cerimônias de cura, busca pela adivinhação e contemplação e também, as datas festivas de contemplação aos deuses.

Todavia, independente de como ou porque elas foram e são usadas até hoje, é certo, que tais substâncias desempenham um papel central na constituição política destes povos, pois muitas vezes, em determinadas tribos, algumas plantas e substâncias

---

25 WINKELMAN-1990

26 ARCE, J. 2012.

27 SCHULTES, R.; e HOFMANN A.; (1980).

eram usadas (a princípio) apenas pelos Xamãs, Pajés e ou governantes locais, o que pode ter desenvolvido um entendimento do sagrado e da cura a partir de uma ideologia religiosa<sup>28</sup> e sacerdotal das civilizações mais antigas. Em razão de todos estes argumentos, podemos entender o quanto tais medicinas, substâncias, enteogênicos ou “psicoativos”, (ou seja lá como forem chamados) sempre foram, são ainda hoje e sempre serão traços de fundamental importância na história da humanidade e a sua capacidade de conhecer a si mesmo e o mundo ao redor.

---

28 FEDELMAN, L (2006).

## 2- ONTODELIA

### Qual é a posição de privilégio?

Começamos por recordar a crítica aos dogmatismos proposta por Enesidemo em seus dez modos, onde os oito primeiros apontam na tentativa de rejeitar afirmações ou crenças dogmatizadas, analisando diferentes aspectos da percepção. A proposta é colocar argumentos que balance qualquer tipo de crenças para sustentar o conhecimento, afinal, segundo Sexto Empírico, nos faltaria um critério de verdade para ser plausível apontar o real, por isso, a suspensão do juízo seria uma saída justa e razoável para a resolução deste problema. O ceticismo então propõe colocar argumentos conflitantes, como os dez modos de Enesidemo e os cinco modos de Agrippa, destruindo assim, qualquer critério de verdade da percepção segundo o qual basta acender a única luz que o mundo ficará percebido.

O primeiro modo trata das diferenças na natureza animal, este argumento pretende estudar as diferenças existentes entre os animais, assim, os seres vivos são constituídos de diferentes modos, seria razoável pensar então que diferentes espécies de animais poderiam ter diferentes percepções acerca da realidade, por terem evidentemente outros sentidos para abarcarem sua compreensão. Sendo assim, nenhum animal estaria numa zona mais privilegiada para alcançar a realidade do que o outro, nenhum animal poderia falar sobre o mundo e somente como as coisas aparecem para cada um deles. No segundo argumento, as diferenças existentes entre os próprios animais humanos são colocadas no intuito de demonstrar que até mesmo os homens já têm diferentes perspectivas sobre o real por apreenderem o mundo, cada um deles, da sua maneira. No terceiro modo, é, portanto, onde pretendo colocar uma lente no intuito de focar as diferenças existentes até mesmo entre os sentidos pelos quais o ser humano apreende o mundo. Tal modo propõe discutir sobre como que dos diferentes sentidos é possível a recepção de diferentes informações e impressões. Se os homens confiam nos sentidos- e eles mesmos alteram as percepções sobre o mundo-, então diferentes posições surgem em

relação ao real e, portanto, não se poderia abarcar o real através somente dos sentidos. Assim, nenhum sentido poderia ser tomado como mais propício para compreender a verdade e nenhum deles serviria de critério para se confiar nestas crenças. Ou seja, não há um critério que permita que se afirme a real natureza dos objetos.

Aqui, pretendemos propor que não deve haver uma posição privilegiada que abarque o real, a não ser que tal posição se some com outras na intenção de abarcar mais zonas sobre a realidade. Quando exorcizamos a distinção entre percepção e alucinação através da crítica atribuída aos sentidos quando alterados, e eles estão sempre sendo alterados, notamos que, em verdade, o que há são diferentes perspectivas acerca do que chamam de “o real”.

### **Delos...Um delírio da mente ou um delírio do mundo?**

Temos ainda carregado desde o primeiro capítulo uma palavra em mente e que precisa ser analisada, é o conceito de psicodelia. Já era de se esperar que uma zona tão discriminada sobre a realidade fosse entendida pejorativamente pela sociedade, talvez e realmente a psicodelia não pareça ser uma perspectiva privilegiada, mas até que ponto um ou outro psicotrópico capaz de trabalhar com os efeitos da mente e do corpo poderia ter uma zona mais privilegiada a ponto de ser aceito, enquanto outros não?

O termo "psicodelia" surge a partir da soma de duas palavras advindas da língua grega *psique* (ψυχή - alma) e *delein* (δηλαιν – manifestação, evidência ou clareza). A experiência ou jornada descrita como psicodélica é tratada a partir da perspectiva humana no contato com determinadas substâncias ou rituais/trabalhos que colocam aspectos do desconhecido, do novo e do alternativo pela exuberância de sua criatividade e movimento. Muitas destas experiências ou trabalhos psicodélicos, como descritos nas artes, apontam para uma produção visionária que pode ocorrer tanto na mente/alma (em função de algum psicotrópico ou trabalho energético) ou se expressar no trabalho manual, como em muitos movimentos de cunho psicodélico na arte contemporânea. Tal termo,

fora cunhado em 1957, num encontro acadêmico em Nova York, quando o médico psiquiatra Humphry Osmond (1917 - 2004), tentava descrever algo que seria revelado pela mente, tal revelação deveria ser clara, como a própria terminação sugeria.

No entanto, Psicodelia pode se tornar uma expressão imprópria e pejorativa quando usada para pensar um movimento que enquadra as manifestações ocorridas em estados de “transe” ou “revelação, como os vividos pelos xamãs, por exemplo, pois psique (alma), significa o indivíduo em sua mais completa subjetividade, em seu eixo ou perspectiva obscura e se delia é uma manifestação clara e evidente, não é apenas necessário que substituamos o termo de *psico* para *onto*, mas também a idéia e o significado contidos nestes termos, pois onto é a existência das coisas, onto é o ser, é o mundo e numa manifestação ontodélica, não é só o indivíduo que mostra suas facetas em sua mais completa interioridade, singularidade e subjetividade, mas também o mundo se mostra como uma manifestação de si próprio clara e evidente. E o indivíduo como um ser social, cooperativo, ser linguístico, comunicativo, racional, este indivíduo é como um ser contido no mundo em uma realidade que o antecedeu e o sucederá, uma realidade que foge completamente à sua existência e independe dela, mas à qual ele irá se impulsionar em busca de respostas e conceitos que possam abarcar o mundo e seus objetos, talvez tal impulso foi o próprio responsável pelo contato do homem com a ontodelia e com a enteogenia.

Lembrando que Delos é o mesmo nome atribuído à ilha grega de Delos, que foi cedida por Poseidon para que Leto desse a luz a Artemis e Apolo, pois a Titã havia engravidado de Zeus e então foi amaldiçoada por Hera, que encontrou apoio no seio de Gaia ajudando-a para que Leto não encontrasse lugar no mundo onde pudesse dar à luz. Então Poseidon para ajudar Leto faz surgir uma ilha do meio das águas que não pertencia a Gaia, era uma pequena ilha desértica e cheia de rochas onde, raramente havia sombras e a luz estava todo o tempo presente. Podemos pensar que Delos é o lugar possível de dar a luz, Delos é o lugar onde a luz sempre está presente, Delos é uma manifestação.

Os psicotrópicos, (estas coisas que alteram) não são apenas os alucinógenos, são os “*lucinógenos*” também. A lucidez também é produzida farmacologicamente, através destes que se dizem “*lucinógenos*”. Os farmacológicos são os verdadeiros

alucinógenos, eles também são substâncias que estão aí para imporem na sociedade uma noção deturpada sobre a realidade e que, no entanto, é apenas mais uma percepção, ou ponto de vista, servem mais para padronizarem esta ideia de realidade construída, do que para realmente separarem o que é real do que não é. Me pergunto então, onde está esta luz? Em todas as coisas, assim como todas elas possuem suas próprias sombras que mudam de posição conforme muda-se a posição da luz, ou seja, não há ponto morto pois até mesmo os sentidos estão sempre em marcha, a percepção está sempre numa posição diferenciada e suas sombras variam de acordo com onde a lamparina é colocada.

Há um jogo entre luz e sombra, muitas luzes e muitas sombras participam, evocando Deleuze, este jogo é em certo sentido Barroco. O Barroco, este movimento que caminhava no intento de salvar a razão na fé buscando a luz no teocentrismo e obscurecendo uma perspectiva apenas humana e que, no entanto, se encaminhou para o advento do antropocentrismo enaltecendo uma razão humana e que buscava a luz em tal razão já obscurecendo outras, inclusive foi este o nome dado ao movimento histórico que surgiu logo após o barroco: *iluminismo*. Porém tal perspectiva apenas humana que buscava ser a luz em meio às trevas do fim do medievo tornou-se obscura e caótica por abranger apenas sua exclusiva perspectiva (a competitividade, os ataques nucleares, a violência com os animais, o desrespeito à natureza e que se encaminha para uma era de incertezas onde o medo é componente fundamental na influência das atitudes das populações). Esta necessidade em buscar a luz, e que, no entanto era apenas a necessidade de delinear a realidade apenas do seu ponto de vista, foi responsável pelo movimento que fez do homem o seu próprio centro, esta luz, busca apenas uma imagem do real. Então a *lucifilia* é esta busca por uma luz, ou uma clareza que, no entanto, numa única perspectiva, não pode ser totalmente clara para abarcar concepções maiores, tornando-se obscura na medida em que busca apenas uma zona que se diz “privilegiada” e exclui outras.

A ideia de *Ontodelia* é uma construção que diz que aquilo que é visto, sobre os psicodélicos não é uma imagem mental, é uma imagem do mundo. Por que ela teria menor valor epistêmico e cognitivo? Ou seja, porque toda alucinação é de cara menos cognitivamente perceptual do que uma percepção dita lúcida e que, no entanto,

passa por cima de tantas perspectivas? Os efeitos ditos lúcidos também são construções. A ideia de visualidade é a ideia de que o que pode ser visto não engana, a não ser que o sujeito esteja sobre efeito de alguma substância (e sempre estamos sobre efeito de algo, o que comemos, o que tomamos, o que bebemos... Há constante alteração.) Ou seja, estamos o tempo todo em processo de fazer corpo – e corpo é antes algo que fazemos do que algo que temos – é um exercício de alteração. Esta alteração que produz o corpo e que é produzida por ele.

Então vivemos em completa lucidez ou alucinação? Se tantas coisas são capazes de alterarem o funcionamento dos nossos corpos e das nossas mentes, devemos nos perguntar acerca do funcionamento de corpos e mentes sem alteração. É certamente impossível distinguir a nutrição, a respiração e todas as demais trocas químicas com o ambiente em torno de corpos e mentes da ingestão, inalação e outras trocas químicas de compostos particulares, chamados de *alucinogênicos*. Ou seja, a distinção entre lucidez e não-lucidez – ou entre percepção e alucinação – não pode ser uma distinção entre alteração e não-alteração. Corpos e mentes são constantemente alterados e se é assim, a lucidez haverá que ser situada na natureza dos compostos com que corpos e mentes entram em contato. Consideremos *fármaco* tudo aquilo que é ingerido, inalado ou de outro modo entra em contato com corpos e mentes. A distinção tem que estar nos *farmácos*, e ao mesmo tempo no uso mesmo dos *farmácos* – no que se quer promover e no que se quer evitar com as drogas. Trata-se de uma *farmacopolítica* da lucidez. Assim, há as drogas que fazem as pessoas virarem cidadãos, trabalhadores, e que fazem elas se tornarem membros de uma população, destinada a uma certa, missão ou função, nacional, demográfica, sociológica ou partidária. Há então as drogas funcionais, as que alimentam, as que mantêm a saúde conveniente, as que garantem a lucidez face à depressão, à melancolia, ao delírio *desfuncional* e há as demais drogas, as proscritas, aquelas que afastam corpos e mentes da lucidez e assim da funcionalidade. Ou seja, talvez a *farmacopolítica* da lucidez seja uma *biopolítica* da manutenção da funcionalidade.

Se adotarmos, portanto, uma farmacopolítica alternativa, a linha divisória entre o lúcido e o não-lúcido se move. Se a lucidez é sempre também relativa a uma certa, luz – a um certo fármaco, ou a uma matriz de fármacos (os ausentes e os presentes)

a que chamarei *farmácia* – ela traz em si uma perspectiva, uma forma de vida e uma revelação acerca do mundo. É desta revelação que a ideia de *ontodelia* trata: a manifestação das coisas por meio de alguma luz é ainda uma manifestação das coisas. A *ontodelia* é o que substitui a psicodelia quando exorcizamos a distinção entre percepção e alucinação. Ou seja, a *ontodelia* surge de uma resposta ao terceiro modo de Enesidemo que ao mesmo tempo contempla a diversidade de manifestações associadas às diferentes farmácias – aos diferentes estados de uma mesma pessoa – e rejeita um ceticismo acerca da cognição por meio dos sentidos. Sim, há percepção – e ela se estende pelas searas consideradas como alucinação.

Eis a *ontodelia*: não há uma única luz – e não há uma única sombra. Do ponto de vista *ontodélico* – aquele que entende que cada farmácia produz uma perspectiva e que estas perspectivas podem ser consideradas em conjunto – a luz e a sombra estão sempre interconectadas. Isto porque diferentes perspectivas são diferentes jogos de luzes sobre as coisas. É como no barroco, em que as luzes e as sombras tomam lugar nas pinturas como em Caravaggio, para juntas trazerem outra dimensão: a profundidade, que não seria possível se ambas não estivessem compondo a imagem. Na psicodelia a luz quer ser a perspectiva humana e dizer que outras perspectivas são trevosas, mas na *ontodelia* a perspectiva humana é obscura contemplando apenas uma zona de percepção sobre a realidade enquanto a luz quer contemplar planos maiores, esquemas mais gerais, parafraseando Whitehead; quer contemplar um esquema que tenta mergulhar nas perspectivas que o mundo revela, é claro que a perspectiva humana, ou sombra é necessária para compor a pintura do real em diferentes dimensões, porém não é apenas uma ou outra que diz sobre o mundo, mas todas. Em uma manifestação *ontodélica* muitas vezes o indivíduo se cala, sombreando-se à luz do infinito e imensurável real, não compreensível, inefável, sugere ir além das expectativas humanas trazendo revelações que o sujeito talvez jamais imaginasse pensar.

**IMAGENS DE PINTURAS DO BARROCO, ONDE O JOGO DE  
LUZES E SOMBRAS EVIDENCIADO.**



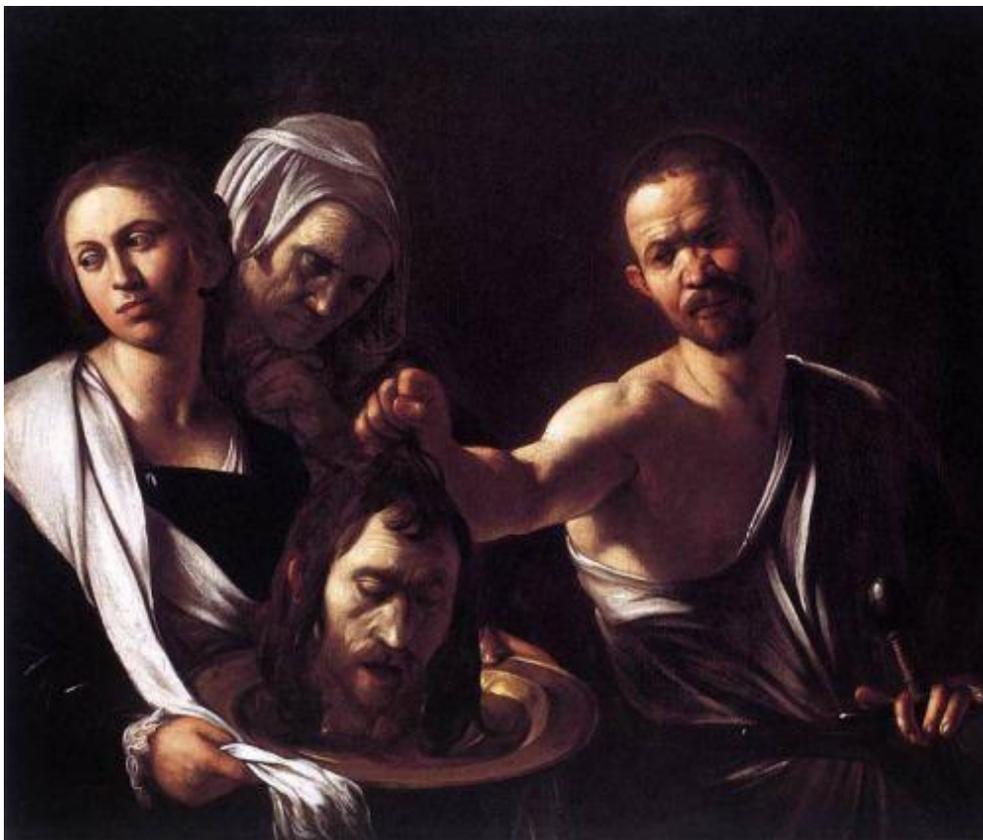
*Caravaggio - Judith degola Holofernes - Giuditta che taglia la testa a Oloferne (1598-1599); 144 cm x 195 cm; Óleo sobre tela; Galeria Nacional de Arte Antiga.*



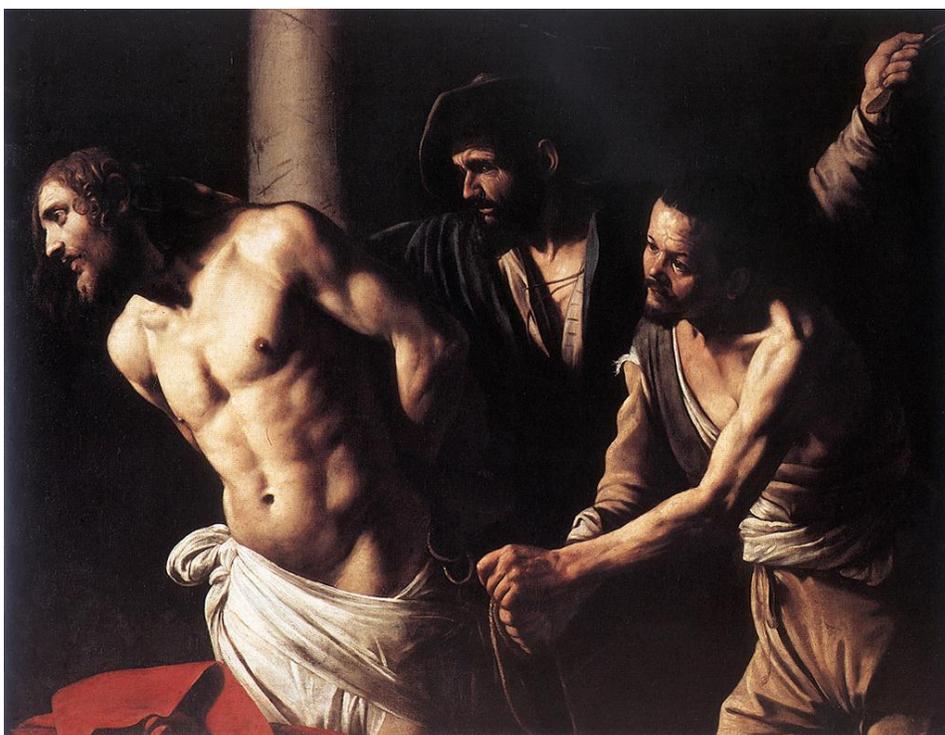
*Michelangelo Merisi da Caravaggio (1571-1610); A Vocação de São Matheus, 1601-1602, óleo sobre tela, 156 cm x 113 cm, Gemäldegalerie, Berlim, Alemanha.*



*Davi com a Cabeça de Golias ;David with the Head of Goliath; Caravaggio; (1610); 125 cm x 100 cm, Óleo sobre tela; Galleria Borghese.*



*Michelangelo caravaggio-1607\_salome\_cabeca\_batista*



*Flagelação de Cristo 1607. Michelangelo Caravaggio.*



Michelangelo Merisi da Caravaggio (1571-1610). *Bacco*, 1595-1597, óleo sobre tela, 95 cm x 85 cm. Galleria degli Uffizi, Florença, Itália.

### **A dobra, as extensões e os acontecimentos.**

Enquanto a humanidade está em busca de esclarecer como o Ser é capaz de ver o que ele vê, muitas vezes, é esquecido (ou obscurecido) aquilo que o próprio mundo manifesta. Usando a seguinte citação feita por Deleuze para expor a questão sobre as diferentes perspectivas e por conta disto, o fato de não poder haver uma posição de privilégio, a não ser que ela abarque o maior número de consciências interligadas: “*Cada mônada expressa o mundo (inclusão inlocalizável), mas expressa claramente, apenas uma zona parcial ou departamento em virtude do seu ponto de vista (bairro localizado)*”. (Deleuze, *a Dobra*, pág 99).

O que ocorre aqui é que, como observado por Deleuze, a mônada leibniziana expressa o mundo, mas claramente, apenas uma zona parcial, por conta de sua perspectiva. Aqui Deleuze aborda a *sombriedade* da mônada quando sozinha é como o fundo do espírito que é obscuro por apreender apenas uma zona parcial da realidade, por

isso a *ontodelia* surge da necessidade de um esquema mais geral que seria não só um ponto de vista do sujeito, mas também, um ponto de vista do próprio mundo quando um dos efeitos do transe mais citados nos relatos das experiências de alteração dos estados da consciência é justamente a morte do ego e a dissipação do eu num mundo estranho e que manifesta-se infinitamente maior do que qualquer percepção. Com a morte do ego e a dissipação do indivíduo, é possível alcançar esquemas maiores da realidade, o real não mais como metáfora, não mais como algo que possa ser apreendido por palavras, mas como vivência como- diz Alex Gray no documentário *Manifesting the Mind Footprints of Shaman- num continuum de experiência*<sup>29</sup>, numa consciência onde todas as mentes estão interligadas (umas nas outras). A “morte do ego”, é uma vivência descrita inúmeras vezes pelas pessoas que experienciam esta sensação de que o obstáculo que existe entre o sujeito e o mundo deve ser algo totalmente construído e manipulado pela nossa mente e os padrões impostos a ela, e por isso, numa situação dessas o sujeito passa a ser um com a natureza, um com o todo, sem as barreiras ou padrões que são colocados apenas para separá-lo do mundo.

Mas se os próprios sentidos são incapazes de abarcarem toda a compreensão da realidade, e se tais sentidos são resultados do corpo que nos é exigido, devemos então ter o próprio obscuro em nós:

Em primeiro lugar, devo ter um corpo, porque há o obscuro em mim. Mas, desde esse primeiro argumento, é grande a originalidade de Leibniz. Ele não diz que apenas o corpo explica o que há de obscuro no espírito. Ao contrário, o espírito é obscuro, o fundo do espírito é sombrio, e essa natureza sombria é que explica e exige um corpo. (Deleuze, a Dobra pág 129).

Assim, o espírito sendo obscuro e necessitando de um corpo com sentidos incapazes de apreenderem o mundo por completo e se até mesmo o fundo da própria mônada for tão sombrio, mostrando o mundo tão obscuramente, é porque ela mostra, assim como o sujeito (o espírito e seus sentidos) apenas mais um eixo, ou ponto de vista, é um fractal do todo, porém é ainda apenas uma parte, então não deve haver posição de privilégio.

---

29 RUTAJIT J. (2009);

Então esta *lucifilia*, busca uma luz, ou uma clareza que, no entanto, numa única perspectiva, não pode ser totalmente clara para abarcar concepções maiores, tornando-se obscura na medida em que busca apenas uma zona que se diz “privilegiada” e exclui outras. Assim, como apontado por Deleuze na citação anterior, a mônada expressa apenas uma zona parcial, (tendo ela em seu interior a própria obscuridade por ser finita e expressar o mundo infinitamente), e sendo o próprio espírito tão sombrio, poderíamos então pensar que tal mônada, ou tal espírito em sua solidão não poderiam expressar claramente o mundo. Delos como clareza não deveria ser algo mais abrangente? Que abrangesse não apenas uma zona ou perspectiva, mas também um conjunto maior de mônadas e perspectivas, para que fosse clara? Sendo assim, sugiro no debate acerca da psicodelia que o termo seja substituído por ontodelia no intuito de abranger mais zonas ou bairros na tentativa de incluir mais perspectivas, pois ontodelia não é apenas uma manifestação do indivíduo, mas é também uma manifestação do mundo, uma manifestação que não independe do que o indivíduo percebe, vivencia ou acredita, mas que consegue também ir além das expectativas, perspectivas e da própria noção de lucidez que o indivíduo possa ter.

A pergunta o que é alteração fica nas entrelinhas do debate puxando novamente a discussão posta em *A dobra* de Deleuze, quando ele atribui a Whitehead uma quarta componente do acontecimento: a extensão. Deleuze diz: “*Com efeito, as extensões não param de se deslocar, ganhando e perdendo partes levadas pelo movimento; as coisas não param de se alterar (...)*” (Deleuze, *A dobra*, pág 122).

O acontecimento produz-se num caos e o caos é a treva sem fundo<sup>30</sup>, tal caos é, no entanto, o conjunto dos possíveis (assim como a mônada contém em si todas as possibilidades e é obscura), onde todas as essências individuais estão: “*Visto que cada uma tende à existência por sua conta; mas o crivo só deixa passar possíveis e a melhor combinação de possíveis*”. (Deleuze, *A dobra*, pág 118).

Isso porque, em Leibniz, as mônadas já excluem os mundos impossíveis quando se movimentam por isso a tese sobre o melhor dos mundos, abrange apenas o

---

30 DELEUZE, G.. *A dobra: Leibniz e o Barroco*, (1942), 119.

mundo atual. O crivo é a maquinaria, é a força que faz o relógio girar, é o recurso infinitamente maquinado que constrói a natureza. Então nos perguntamos novamente: Há alteração? Sim e ela ocorre o tempo todo. Se a alteração aparece como episódica e pontual em metafísicas da substância, ela aparece como ordinária assim como o processo em abordagens como a de Whitehead onde a criatividade é endêmica. Em Whitehead, uma ontologia dos acontecimentos é articulada a partir de entidades atuais que percebem e agem – e, portanto, estão sempre mais próximos de agentes em devir do que repositórios de qualidades. Já em Leibniz – que postula substâncias no sentido pós-cartesiano da palavra, ou seja, sem um substrato indiferente a qualquer alteração – há uma ontologia dos acontecimentos e, de acordo com a leitura de Deleuze, em *A Dobra*, são os predicados abrigados nas mônadas que devem ser lidos como acontecimentos: que Adão pecará (um acontecimento) está escrito nos predicados que compõem Adão (e também em todas as outras do mesmo mundo, o melhor dos mundos possíveis).

Ou seja, Whitehead, mas também Leibniz, ambos apontam na direção de uma ontologia dos acontecimentos. Deleuze invoca uma tal ontologia em termos de dobras e redobras e sua perceptibilidade em termos de matrizes de luzes e sombras. Aquilo que acontece desce até as mais recônditas e internas vísceras de tudo o que há – mas apenas a superfície do acontecimento é perceptível sob cada perspectiva já que cada percepção carrega em si uma enorme zona de aturdimiento. Os acontecimentos têm elementos subcutâneos – que são também compostos de outros acontecimentos que os tornam possíveis – e estes nem sempre são perceptíveis sob o mesmo jogo de luzes e sombras. A produção do acontecimento vem de redobras que ficam na escuridão de um caos na perspectiva de apenas um destes jogos de luzes e sombras. É como se os acontecimentos se produzissem no caos compondo séries de todos e partes até o infinito, séries infinitas que nos parecem caóticas ou aleatórias, por vezes, mas tudo isso por conta da incapacidade humana dita lúcida de compreender a realidade num esquema mais geral do que os seus próprios olhos podem enxergar, por conta dos crivos pessoais<sup>31</sup>.

---

31 DELEUZE, G. *A dobra: Leibniz e o Barroco*, 1942, 118.

Porém este caos é uma abstração, pois ele não aparece sem a presença de um crivo, Deleuze, no capítulo sobre *o que é o acontecimento* aborda dois conceitos aos quais ele chamará de *many* e *one*, onde o primeiro é o múltiplo e o segundo é o um. Tais conceitos são usados para introduzir a distinção entre o Caos e o crivo, sendo que um não existe sem o outro. O caos é a perspectiva caótica que uma zona parcial finita tem quando expressa o infinito em zonas mais abrangentes. Então o conceito chave da dobra se desdobra na extensão dos acontecimentos onde as mônadas (ou as entidades atuais que estão sendo constantemente apreendidas) se desdobram umas sobre as outras, ou melhor dizendo, se estendem no intuito de abrangerem mais zonas, mais perspectivas e no intuito de mostrarem aquilo que não seria possível sem o desdobramento das mônadas.

Por isso *A dobra* mostra bem o que seriam estas extensões. Onde as singularidades se somam umas as outras. O barroco, como observado num viés político, foi um movimento que tentou se afastar da produção renascentista onde tudo parecia girar em torno de algo, já no barroco, há abundância, há multiplicidades, causando uma enorme gama de pontos de vista e perspectivas. Então as dobras são estas dobras que se combinam até o infinito, aqui temos também uma leitura de cunho estético porque as mesmas dobras que tentam dobrar as perspectivas afim de ter “um-múltiplo” são estas dobras que se colocam para definir o barroco, junto com outros cinco traços que o compõe. Estas dobras estão nos tecidos das roupas das esculturas que marcam e evidenciam o movimento, o corpo, dobras que nas artes dão a ideia de movimento, um movimento que está em constante alteração, quer delinear as curvas e deixar exposto a mudança. As dobras já estiveram em muitos movimentos na história das artes, mas é o barroco que traz a sensação de haver mais ali do que realmente se mostrava; há uma obscuridade quando se tenta ver onde termina a dobra e talvez comece o traço e então por isso mesmo, ela se estende ao infinito.

A ontodelia aqui, (esta manifestação do mundo), tenta dobrar perspectivas em cima de outras a respeito dos mesmos objetos, de diferentes pontos de vista, é como um *cubismo epistemológico*. É preciso dar um passo atrás para enxergar melhor em esquemas mais abrangentes que o que há não é apenas uma percepção lúcida ou uma percepção alucinatória, mas que ambas são apenas duas entre muitas outras perspectivas. É a

realidade *multiperspectivada* que a ontodelia tenta trazer que denuncia o viés de constante alteração das percepções sobre o mundo. Se não houvesse alteração, como poderia haver percepção? Se ela própria é uma construção em andamento. A resposta que a ontodelia trás ao terceiro modo de Enesidemo é que é preciso desconstruir a ideia de lucidez como sendo uma percepção não alterada do mundo (a respeito do mundo) e como sendo a única maneira de alcançar verdades sobre o mundo, afinal tudo se altera. E, portanto, é preciso considerar percepção lúcida e percepção alucinada como percepções cognitivamente aptas. Ou seja, a presença de diferentes matrizes de luzes e sombras – de diferentes formas de lucidez (e de sombreamento) – não é nada mais do que uma multiplicidade. Diante dela, minha recomendação a partir do caráter cognitivo da *ideogênese* – expressa na ideia mesma de ontodelia – é que abandonemos a ideia de que as coisas podem ser vistas sem luz e sem sombra e que abandonemos também a não-neutralidade a partir da qual uma única luz (e uma única sombra) é melhor que qualquer outra. O que emerge é uma multiplicidade de perspectivas que, ela também, não precisa ser considerada como uma relatividade da percepção: não é a percepção que é relativa, é a relatividade que é percebida. Esta relatividade percebida tem a forma de um aglomerado de perspectivas – e por isto mesmo falo de cubismo. Um tal cubismo epistemológico é o que se deixa descortinar pela ontodelia. E é ele que convoca um retorno ao barroco.

Como em Deleuze há um crivo, mas que independe de uma posição privilegiada, tal crivo faz com que a mônada em conjunto com outras se desdobrem nas possibilidades que já estão previamente contidas nela mesma, excluindo assim, aquilo que é impossível em seus movimentos. Ou seja, há crivo, mas não há zona de privilégio e qualquer que se diga mais claro levando em conta apenas uma zona, está obscurecido, no entanto é necessário que se leve em conta o máximo de zonas ou eixos, ou perspectivas, ou pontos de vista, onde a lucidez acaba por ser balanceada e abordando apenas uma perspectiva, tende a tornar-se uma alucinação.

Ontodelia não seria apenas mais uma imagem do indivíduo e sim uma imagem do mundo. Pensemos numa metafísica onde as perspectivas se estendem umas sobre as outras formando esquemas mais gerais. Ora, o que seria o acontecimento em

Whitehead senão quando as mônadas leibnizianas (ou eixos) se estendem umas sobre as outras? E é esta extensão que nos fará pensar numa ideia de acontecimento baseado nos múltiplos fatores que participam do próprio acontecimento, tais fatores são todos como engrenagens que em seus movimentos tendem a encaixar-se uns nos outros tornando possível assim, a sincronia entre tais fatores.

A dobra deleuziana foi uma tentativa de mostrar a desconfiança barroca de que não há uma única luz que clareia tudo, e em consequência disso, algumas coisas ficam obscurecidas, é só pensar em onde a luz incide que veremos onde a sombra também incide. A lucidez é aquilo que quando acendida, obscurece outras coisas, e tanto as luzes quando as sombras se alteram, não são sempre as mesmas. A lucifilia é também o culto à unidade em detrimento da multiplicidade. Então para isso, as extensões permitem que as mônadas enxerguem outros pontos de vista, ou dito de outra maneira, os acontecimentos não depende de um ou outro fator, mas de vários, os acontecimentos são multifacetados, e quando pegamos duas ou mais perspectivas estamos colocando também dobra sobre dobra, assim como ocorre na metafísica dos acontecimentos exposta em Deleuze. Ele busca resgatar a monadologia de Leibniz, onde as mônadas só excluem universos impossíveis com o seu mundo e todas as que existem expressam o mesmo mundo sem exclusiva, elas não se captam mutuamente. Segundo tal entendimento, em Leibniz parece haver uma condição de clausura na qual o ser-para-o-mundo das mônadas está condicionado e todas as mônadas possíveis incluem um só e mesmo mundo. Deleuze ainda vai mais longe do que resgatar Leibniz, quando ele convoca Whitehead na tentativa de desconstruir esta condição de clausura. Para Whitehead, entidades atuais em constante devir são entidades perceptivas – e a percepção assume as proporções do motor de toda criatividade. Perceber é criar, e a percepção é ubíqua: tudo percebe já que os efeitos de uma relação de causalidade eficiente são nada mais do que percepções. Whitehead cunha o termo *preensão* para tratar do que é percebido e do que não é percebido, igualmente importante como em um jogo de luzes e sombras. Uma entidade atual preende outras já que as captura de um particular jogo de luzes e sombras. Trata-se, como enfatiza Deleuze, de permitir uma condição de abertura que fará com que toda preensão já seja uma preensão de outra preensão, pois em Whitehead as preensões atuam diretamente umas sobre as outras, mas sempre participando do mesmo universo em

processo. A apreensão é aberta por natureza, aberta ao mundo sem ter que passar por uma janela. Os seres estão sendo arrastados para fora em vez de se fecharem para um mundo que expressa apenas o dentro. Tal como sugere a ontodelia:

O jogo do mundo mudou singularmente, pois tornou-se o jogo que diverge. Os seres estão esquartejados, mantidos abertos pelas séries divergentes e pelos conjuntos impossíveis que os arrastam para fora, em vez de se fecharem para o mundo compossível e convergente que expressa de dentro. Neste sentido, a matemática moderna tem podido desenvolver uma concepção fibrada segundo a qual as “mônadas” experimentam caminhos no universo e entram em sínteses associadas a cada caminho, é sobretudo um mundo de capturas, mais do que um mundo de clausuras. (A dobra, pág 124-125).

### **IMAGENS DAS ESCULTURAS DO BARROCO ONDE AS DOBRAS SÃO DELINEADAS.**



*Escultura da beata Ludovica Albertoni, do artista Gian Lorenzo Bernini, se encontra na "Capela Altieri", projetada especialmente para este fim, na igreja de San Francesco a Ripa, na região do Trastevere, em Roma, Itália. 1674.*



*Acima, O Êxtase de Santa Teresa ou a Transverberação de Santa Teresa de Gian Lorenzo Bernini; Localizada na Santa Maria della Vittoria, 1647-1652.*



*Acima, o Rapto de Proserpina, escultura de Gian Lorenzo Bernini, localizada em Galleria Borghese, feito em mármore; 1621-1622.*



## Referências bibliográficas:

ARCE, J. (2012); “Las plantas y los hongos alucinógenos: Reflexiones preliminares sobre su rol en la evolución humana”; 2012; Rev. Reflexiones 91 (2): 9-32.

DELEUZE, G. (1991); *A dobra, Leibniz e o barroco*; 1942; São Paulo: Papiros.

FEDELMAN, L. (2006). *El cactus San Pedro: su función y significado en Chavín de Huantar y la tradición religiosa de los Andes centrales*. San Marcos, Perú.

GARCILASO V. (1963) *Los comentarios reales de los Incas*. Em Obras completas del Inca; Ed. P. Carmelo Sáenz de Santa Maria, S.I. Biblioteca de Autores Espanholes, vols. 133, 134, 135. Pág. 1609-1617; Madrid: Atlas.

HOFMANN, A. (1981): *LSD, My Problem Child*. Nova Iorque: McGraw-Hill.

KAETÉ, L. (2015) Comer o saber: ensaio sobre alteração de consciência como perspectiva epistêmica, *Das Questões*, 82-167.

LABATE, B.; GOULART, S.; SAMORINI G. (2005); *Buiti: religião enteogênica africana. (Org.) O uso ritual das plantas de poder*. SP, Mercado das Letras, FAPESP.

LEIBNIZ, G. (1983) *A Monadologia*. São Paulo: Abril Cultural, Col. "Os Pensadores".

MCNAMARA, P. (2009). *The Neuroscience of Religious Experience*. Nueva York: Cambridge.

MIKOSZ, E. (2009); *A Arte Visionária e a Ayahuasca: Representações Visuais de Espirais e Vórtices Inspiradas nos Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC)*. Florianópolis- SC.

MILLET J. (1970); In “*Gabriel Tarde et la Philosophie da l’Histoire*”, P. 393-394, Paris: Vrin.

MUZZOLINI A. (1986); *L’art rupestre préhistorique des massifs centraux sahariens, Cambridges monographs in Africa archeology 16*. International series 318, 355 p., 71. Oxford BAR. in: <https://cogumelosmagicos.org/comunidade/threads/as-mais-antigas-representa%C3%A7%C3%B5es-de-cogumelos-ente%C3%B3genos.6543/>. Acessado em 17 de junho de 2015.

NICHOLS, D. (2006); Hallucinogens. En: Ian P. Stolerman (ed.) *Encyclopedia of Psychopharmacology*, Volume 2. Springer-Verlag, Berlin Heidelberg.

NICHOLS, D. e CHEMEL, B. (2006); *The neuropharmacology of religious experience:hallucinogens and the experience of the divine*, p. 1-33. En P.

OTT, J. (1996); *Pharmactheon: entheogenic drugs, their plant sources and history*. Washington: Natural Products Co.

QUEIROZ, in: <http://pauloqueiroz.net/sobre-a-coca-texto-de-freud/> acessado em 17 de junho de 2015 às 18:31. As Notas 6, 7 e 8 são tiradas deste site.

QUIRCE, C.M. Badilla, B., Badilla, S., Martínez, M & Rodríguez, J.M. (2010). Los alucinógenos: su historia, antropología, química y farmacología. *Psicogente* 13 (23): 174-192.

RÄTSCH, C. (2005). *The encyclopedia of psychoactive plants: ethnopharmacology and its applications*. Vermont: Park Street.

RUTAJIT J. (2009); Documentário: Manifesting the Mind Footipints of de Shaman. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=4BF0nPegMZg>; acessado em 02 de julho de 2015, às 00:24.

SCHULTES, R.(1980); and Albert Hofmann. *Botánica y Química de los Alucinógenos* (2ª ed. edición). Springfield, Ill.: Thomas.

SCHULTES, R.; HOFFMAN A. (1979); *Plantas de los Dioses: Orígenes del Uso de Alucinógenos*. Nova Iorque: McGraw-Hill.

SCRIVENER, J. (1871); On the Coca Leaf and its Use in Diet and Medicine, *Medical Times and Gazette*, Vol II.

SEXTUS EMPÍRICUS. (2000). *Outlines of Scepticism*, ed: J. Annas & J. Barnes, Cambridge: Cambridge Unversity Press.

SIGMUND, F. (1884); Über Coca,' *Centralblatt für die ges. Therapie*, 2, pp. 289–314.

WHITEHEAD A. (1978); *Process and Reality*; Nova Iorque: Freeman Press.

WINKELMAN, M. e BAKER, J. (2008); *Supernatural as natural: a biocultural approach to religion*. Nova Iorque: Prentice Hall.

WINKELMAN, M.J. (1990). *Shamans & other “magico-religious” healers: a cross-cultural study of their origins and social transformations*. *Ethos* 18: 308-352.